

Piutô: Anne:

São Paulo, 20/7/68

Tinha já uma carta pronta que mandava pra você, já há bastante tempo, carta que escrevi logo depois que o papai morreu, dando a notícia. Acabei não tendo no correio, pelo que não desentendi.
Papai morreu no dia 28 de Maio. Ele já não estava muito bem quando você estiveram por aqui no ano passado, mas ficou bastante no correio deste ano, e principalmente depois do Carnaval.
A causa principal foi um episódio pulmonar muito desenvolvido, causado por insuficiência cardíaca e renal, que na realidade são consequência de uma coisa de outro. E para apressar as coisas, estando já de cama há alguns meses, só se levantando um pouquinho no dia, em que se sentia um pouco mais forte, ou menos fraco, levou uma queda e fratura do fêmur do fêmur. Coisa muito dolorida e que só pode ser resolvida com cirurgia. Não houve outra maneira senão tomar a operação, apesar do estado precaríssimo em que ele estava. Foi operado, ortopedicamente com sucesso, mas em 2 ou 3 dias o problema todo que já tinha se complicou mais e ele não aguentou. O velho sofreu bastante nos dois últimos meses, de dar muita pena. E aguentou a mãe firme, sem reclamar. Velho sacana. Mãe aguentou bem também, e, apesar das san-

dades que são muito natural, está passando bem. Por enquanto os filhos de Beth, e a Beth, têm se revezado aqui em casa, fazendo companhia a ela. Mamãe andou meio caída, desanimada, logo depois de morte, mas acho que está bem mais recuperada agora.

Em tudo no ar. A Beatrix acareta um certo circuito na minha cabeça. A minha relação com a Regine é meio atropelada, por minha causa, que sou meio incapaz de aceitar, por exemplo, o fato de ela ser mais velha, de ter já dois filhos grandes, de não querer, pelo menos por enquanto, ter outro filho se a gente se casar, e talvez ser muito tarde se ela se resolver a tê-lo mais tarde. É bastante complicada. Por outro lado, é uma menina fabulosa, que tem uma cabeça, gosta muito de viver, e sabe o que quer. Ajudou-me muito a entender que está começando a ceder, mas ele tem se chateado com a gente com a coisa. Já está aparecendo a Beatrix, com quem não cheguei a ter convivência muito longa, mas intentei por valer. Acho que afinamos muito bem. E se mandou, pra minha salvação, e pra ver o que acontece, pra Europa. Cada uma sabe da outra. Não tenho jeito de não interferir a situação. É muito intenção de fazer a coisa séria, pra valer e pra sempre, mas não sei com quem. Estou recorrendo ao prestígio de

Vicyn de um doutor em ucas, pra ver se me ajuda
a descobrir o curto-circuito. Enquanto isso a
Dentrix foi ameaça voltar. Essa narrativa toda
parece brincadeira, mas pra mim é séria.
É séria porque ao lado dele tem uma praça
de coisas que fui descobrindo em mim, com os
seus serviços do doutor, que não tenho sido bem
capaz de resolver, pelo menos por enquanto.
Profissionalmente as coisas não vão mal, mas
também não vão bem. Dentrix a sociedade com o
Paulo, como já te contei, mas ainda estou traba-
lhando na angústia. O Paulo ainda deve acertar
as contas da firma e o equivalente ao preço do
escritório. Não é muito dinheiro, mas ser, talvez,
suficiente para comprar um terreno e construir
um escritório (mesmo que longe do centro) ou
para botar nas carubas que tenho construído
para vender, e que dão dinheiro. O acordo com
o Paulo é amigável mesmo, pode ficar sossegado.
O Paulo está lá da uca. Já oito meses que
só faz viagens, e há uns 3 ou 4 anos que não
trabalha. Com a morte de mãe ficou ainda mais
desmoteado. Aquela bicha do Oscar ainda fica
grudada no pé dele, e de tal modo que ele
nunca vai conseguir se safar. É a dispersão

total. É um desperdício de boa-gentrisse, amizade e bondade, como é a do Paulo. Tenho tentado ajudá-lo, mas ele é bem arredio. Não enfrenta qualquer conversa, ou qualquer crítica que seja, com um pouco de ar sério que seja. É uma merda. No escritório não dá as caras, de vez em quando esche a cara, de vez em quando o pilho chorando dentro de casa.

Saindo de Angélica, vou ficar provisoriamente trebalhando mesmo solo no case que o Fernando levou aluga e usa como estúdio. O contacto é bom. Estimulante, ambiente de trebalho, com hombridade e que se venha, se acha convenientes, e me meto na sociedade dele. É Fernando, Aldemir, George Torok e mais um sócio. Trebalho gráfico e de fotografia de bom nível. A Fan naquela merda em que se encontra toda a Universidade. O 1º semestre foi completamente perdido. Mês de ~~junho~~ junho de férias quasi dicias. Reestruturação do curso e do currículo. Vamma ver o que se dará no 2º semestre. Provavelmente semestre de ensaios. No ano que vem, se a Faculdade de Arquitetura de Bragança realmente se formar (há 2 universidades lá, agora) devo dar aulas lá também.

Vai ser de experiências novas, e vai medar algum
tutu que não será de despregar.

Como vê, Piutor, não há nada de novidade. Pelo
contrário, tudo é meio insegurança. Se goste um
pouco disso, pela eterna expectativa de alguma
coisa boa e inesperada, não se deixe que propicie
muito a gente se desenvolver, já que as coisas mais
essenciais simplesmente vão foram resolvidas.
A brincadeira de me mandar pelo mundo não
me interessa, se bem que não abno mais de
algumas possíveis ~~figuras~~ visitas ao velho
mundo e Extremo Oriente. Em 1970 gostei
de dar um pulo ao Japão, pra matar san-
dade. É um plano.

De resto, são sandalões de vocês aí, do papo
sobre como de bom vinho. Abre pra vocês, e
bem apertada pra Sabine e Ana Camila.

Mandem mais notícias.

Mamãe deve escrever logo. Hoje mesmo estou
ameaçando. Está muito ocupado com o neto.

Recebem suas cartas.

Ciao

João